

Irmã Janet Tucci, OSF

Por: Pe. Anthony Taschetta, quinta-feira, 8 de janeiro de 2026

Cantamos isso como nossa resposta ou salmo, e é o tema da vida dela. “O Senhor ouve o clamor dos pobres, bendito seja o Senhor.” Não só o Senhor ouviu o clamor, mas meu palpite é que, desde muito jovem, Janet também o ouviu e respondeu de maneira muito semelhante. Hoje viemos celebrar uma vida vivida de maneira tão maravilhosa, poderosa e bela. Oremos para que possamos fazer justiça a ela.

Janet nasceu em 5 de maio de 1934, Cinco de Mayo, filha de Samuel, que veio para este país da Calábria, Itália, aos 10 anos, e Justine, uma austríaca de segunda geração, mas eles eram uma família muito italiana: Tucci. Anglicizado para “Tussi” até Stanley tornar Tucci famoso novamente.

No primeiro dia em que a conheci, eu soube que nós seríamos amigos inseparáveis pelo resto de nossas vidas. Há algumas coisas que você simplesmente sabe. Embora tivesse sangue austríaco, ela era italiana até a medula. Seu pai era da Calábria, assim como minha mãe.

Tenho uma camisa polo que diz Taschetta e, por baixo, *La Familia e tutto!* A família é tudo. E a família dela era tudo. Mas a família dela era enorme. Não só os irmãos e irmãs, sobrinhas e sobrinhos, mas obviamente a comunidade em que ela ministrava e as pessoas a quem ela servia. E ela servia a todos. Especialmente aos pobres.

“O Senhor ouve o clamor dos pobres, bendito seja o Senhor.”

Ela era uma menina de Santo Antônio, batizada lá, criada lá e tinha comido muitos espaguetes lá, sob a orientação do padre Valente. E, obviamente, aquele batismo surtiu efeito. “Não sabeis que fostes batizados ou batizados na sua morte...”. E

hoje, na segunda leitura, ouvimos: “Busquem as coisas do alto, pois vocês morreram com Cristo e agora sua vida está escondida com Cristo em Deus. Tudo o que fizerem, façam-no em nome do Senhor. Instruam-se e admoestem-se uns aos outros. (Ela era muito boa nisso!) Cantem com todo o coração e tudo o que fizerem, façam-no em nome do Senhor.”

Isso deve ter ficado profundamente gravado em sua alma, porque quando o Senhor a chamou, ela não apenas ouviu, mas respondeu de todo o coração. Completamente. Com Janet, não havia esforços medíocres e incompletos. Ela mergulhou de cabeça.

Janet atingiu a maioridade logo após a Segunda Guerra Mundial e cresceu em Joliet, uma cidade que não era conhecida pela harmonia racial. Os velhos preconceitos são difíceis de eliminar. Mas não para Janet. Mesmo quando criança, ela era capaz de enxergar além da superficialidade da cor da pele e perceber o que realmente importava. Ela me contou uma vez que sua melhor amiga de infância era uma menina menina “de cor” e que elas se amavam de verdade. Isso preparou o terreno para tudo o mais que ela viria a fazer.

“O Senhor ouve o clamor dos pobres, bendito seja o Senhor.”

Em 1952, Janet respondeu ao chamado de Deus e se juntou às Franciscanas de Joliet. Quando se juntou a elas, ela pôde cantar com Ruth: “Onde quer que você vá, eu irei. Seu povo será meu povo. Seu Deus, meu Deus.” Ela estava aberta para servir ao Senhor de qualquer maneira que ele a guiasse. E ele a guiou!

Na pós-graduação, ela trabalhou no bairro de Englewood, onde teve um gostinho de como seria trabalhar com os mais necessitados

irmãos e irmãs. Foi então que ela soube que estava sendo chamada para estar com o Cristo sempre escondido no disfarce dos pobres.

Logo ela foi chamada para ir a Birmingham, Alabama, onde Jim Crow ainda estava em vigor, e ela achou melhor levar o canto do pássaro às pessoas que mais precisavam ouvi-lo. E cantar ela cantou

Há dois dias, tive a oportunidade de conversar com Jeff Selma, um aluno da irmã Janet que não poderia elogiá-la mais. Ele é o homem que é hoje por causa da inspiração dela e por ela acreditar nele e em todos os alunos que ensinou. Ele me disse que as duas pessoas mais influentes que conheceu na vida foram Muhammad Ali, para quem foi motorista pessoal, e a Irmã Janet. Ambos em pé de igualdade — muito bons.

Ele me contou a história de quando todos foram convidados para ir ao cinema. Mais tarde, a irmã Margaret me disse que, na verdade, era uma ópera. Eles se vestiram elegantemente, como sempre fazem. Se você vai à casa de Deus, é melhor estar bem vestido. E então foram conduzidos até o fundo do auditório. A irmã Alan, também conhecida como Janet, não aceitou isso. Sutileza não era seu forte. Você sabe exatamente o que ela estava pensando. Ela falava sem meias palavras. Por que você tem meus filhos? Sentados atrás? Traga-os para onde eles pertencem, na frente. E eles vieram.

Conheci a irmã Janet quando estava na comunidade rural negra de Hopkins Park, Illinois, e ela estava terminando uma breve temporada em Chicago e veio ver o que estava acontecendo nessa que é a maior comunidade rural negra ao norte da linha Mason-Dixon. Preparei um prato de macarrão com queijo suíço acelga, comemos e o acordo foi fechado. Ela iria perguntar à comunidade se poderia vir trabalhar em Hopkins Park.

Acho que não foi fácil convencê-los, porque ela descreveu seu trabalho como ele era: estar presente, estar

com as pessoas, vivenciar o que elas vivenciavam, ajudar onde pudéssemos ajudar. Mas, acima de tudo, aprender o que elas tinham a nos ensinar para que pudéssemos ajudar ainda mais.

Chamávamos isso de “reino”. A irmã Marge Krieger foi a primeira a vir e depois foi buscar a Janet. Sempre que voltávamos para casa depois de um passeio, elas cantavam, como São Paulo lhes disse que cantassem. “Portanto, os redimidos do Senhor voltarão e virão com cânticos

Sião; E alegria eterna estará em seus corações. Eles proclamam alegria, júbilo; E a tristeza e o luto desaparecerão. O que era tão emocionante era que acreditávamos nisso, vivíamos isso e funcionava.

Aquela pequena paróquia foi fundada por uma freira, a irmã Mary Adelaide. Uma mulher com fé faz uma grande diferença. Não só Mary Adelaide era uma mulher de fé, como também Janet!

Depois que ela deixou Hopkins, ela realizou alguns ministérios maravilhosos com a Irmã Rosie, na casa de repouso Nossa Senhora dos Anjos e, finalmente, na Villa Franciscan.

A última vez que falei com ela foi no dia de Natal. Não reconheci a sua voz, mas a sua sobrinha Sue disse-me que ela parecia a mãe quando falava. Perguntei-lhe se estava com medo. Não havia medo. Ela estava pronta.

Quão feliz aos olhos do Senhor é a morte de seus fiéis. E se essa mulher era alguma coisa, era fiel ao Senhor. “Quando eu estava com fome, você me alimentou, nu, você me vestiu, estava sozinho, e você me visitou. Venha agora, entre na alegria do seu pai.”

Pe. Anthony Taschetta
Missa de corpo presente
8 de janeiro de 2026